

## ATIVIDADE ECONÔMICA

# Indicadores de indústria, comércio e serviços

## Sumário

O avanço de 1,9% do produto interno bruto (PIB) na passagem entre o quarto trimestre do ano passado e o primeiro deste ano representou uma forte aceleração em relação ao seu ritmo de crescimento médio verificado ao longo do segundo semestre de 2022 (+0,2%). Grande parte do bom resultado visto no primeiro trimestre tem como responsável a performance extraordinária do PIB agropecuário, que avançou 21,6% na margem e 18,8% na comparação interanual. Além da sua contribuição direta para o crescimento do PIB, gerou efeitos indiretos em outros segmentos da indústria e de serviços. Em relação à ótica da despesa, provocou impactos positivos no resultado das exportações, do consumo das famílias e, particularmente, no componente da variação de estoques. Este último, por sinal, exerceu forte contribuição positiva para o resultado da demanda total, indicando um ritmo de crescimento subjacente mais modesto que o sugerido pelo resultado do primeiro trimestre. Esse comportamento, verificado principalmente nos componentes mais cíclicos do PIB, ou seja, aqueles mais impactados pelas condições gerais da economia, evidencia a manutenção de um cenário ainda desafiador, conforme já antecipado pelo desempenho dos indicadores setoriais com periodicidade mensal. Em contrapartida, vale destacar que alguns fatores positivos seguem conferindo resiliência ao desempenho da atividade econômica, tornando mais otimistas as expectativas para a sua trajetória de curto prazo.

De modo geral, grande parte dos efeitos provocados pela crise sanitária da covid-19 já foi superada. Neste contexto, as principais restrições ao crescimento da economia brasileira, antes associadas à oferta, se deslocaram para a demanda. Além da perda de fôlego verificada no mercado interno, os efeitos negativos provenientes da política monetária contracionista contribuíram para a deterioração da situação financeira das famílias, refletida em uma elevação tanto do comprometimento da renda com os serviços de dívidas passadas quanto dos níveis de inadimplência. Em contrapartida, em face da desaceleração verificada nos índices de preços ao longo do primeiro semestre de 2023, acompanhada por uma melhora na ancoragem das expectativas, a probabilidade de início de uma flexibilização da política monetária tem aumentado. Além disso, caracterizado por movimentos defasados em relação ao ciclo, o quadro atual do mercado de trabalho tem conferido um certo grau de resiliência no poder de compra das famílias. Enquanto os indicadores de população ocupada voltaram a registrar crescimento na margem desde o último fevereiro, o rendimento médio real segue com bom desempenho, provocando crescimento na massa salarial real. Além disso, o aumento concedido ao salário-mínimo, juntamente com outras medidas de transferência de renda, também tem contribuído para sustentar os níveis de consumo, principalmente nas faixas mais baixas.

**Leonardo Mello de Carvalho**

Técnico de Planejamento e Pesquisa  
da Diretoria de Estudos e Políticas  
Macroeconômicas (Dimac) do Ipea

leonardo.carvalho@ipea.gov.br

Divulgado em 05 de julho 2023

Entre os setores produtivos, a atividade industrial segue enfrentando o cenário mais desafiador. Os empresários da indústria de transformação continuam relatando como principal preocupação a perda de fôlego da demanda doméstica. Entre outros fatores que representam restrições para o crescimento do setor, têm sido citadas as dificuldades de acesso ao crédito, o acúmulo de estoques indesejados e a desaceleração na demanda global. Em compensação, os entraves relacionados à escassez e ao encarecimento de insumos perderam força, e o setor tem se beneficiado de uma forte deflação nos preços ao produtor. Segundo a Pesquisa Industrial Mensal-Produção Física (PIM-PF), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a produção da indústria segue em ritmo modesto ao longo dos primeiros cinco meses do ano, acumulando queda de 0,4% ante o mesmo período do ano anterior. Em contrapartida, o desempenho recente do consumo aparente por bens industriais tem dado alguns sinais de recuperação. Após iniciar o segundo trimestre com queda de 0,6% na margem, a produção avançou 0,3% em maio, com alta de 1,9% na comparação com o mesmo período do ano passado.

A atividade de serviços, por sua vez, embora num ritmo mais lento, segue como o principal *driver* para o crescimento do PIB. Menos afetado pelos efeitos da política monetária contracionista, o setor também se beneficia do diferencial de inflação entre os chamados bens *tradables* e os *non tradables*. Com base na Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), do IBGE, a receita real de serviços registrou um crescimento de 4,8% nos primeiros quatro meses de 2023, quando comparada ao mesmo período do ano passado. Após uma acomodação em abril, a Dimac/Ipea espera um pequeno novo recuo na margem em maio, com baixa de 0,3%. Na comparação interanual, por sua vez, prevemos alta de 3,3% ante o mesmo mês do ano anterior.

Por fim, o comércio de bens, relativamente mais caro que os serviços, enfrenta de forma mais intensa os efeitos do aumento dos juros, com encarecimento do crédito tanto para os empresários varejistas quanto para os consumidores. Apesar disso, o bom desempenho das vendas ao longo do primeiro trimestre do ano causou alguma surpresa. Embora já fosse esperado um crescimento nos segmentos mais dependentes de renda, particularmente os bens semi e não duráveis, beneficiados pelo retrato do mercado de trabalho, verificou-se um avanço inclusive nos itens mais dependentes de financiamento, como foi o caso do segmento de automóveis e peças. Com isso, de acordo com a Pesquisa Mensal de Comércio (PMC), do IBGE, as vendas no comércio varejista (conceito ampliado) acumularam, em termos anuais, um crescimento de 3,3% no acumulado do primeiro quadrimestre de 2023, acusando alguma acomodação em abril. Para maio, a Dimac/Ipea espera novo recuo na margem (-1,2%), porém, com alta de 3,3% em relação a maio de 2022.

Em termos agregados, entre os principais indicadores que buscam retratar o nível geral da atividade econômica brasileira em base mensal, o Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br) e o Monitor do PIB, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), registraram queda em abril, na comparação livre de influências sazonais. Em relação a este último, a Dimac/Ipea estima uma nova queda em maio na margem de 0,5%, compatível com uma alta de 3,9% ante maio do ano passado. Por fim, o quadro atual da atividade econômica tem se refletido no resultado das pesquisas de sentimento que, após a queda generalizada ao longo do último trimestre do ano passado, tem registrado alguma recuperação nos meses recentes. De acordo com as pesquisas Sondagens Setoriais, da FGV, o Índice de Confiança Empresarial (ICE) atingiu o patamar de 94,5 pontos em junho. Embora o resultado tenha representado o quarto aumento seguido, o índice ainda acumula uma queda de 7 pontos sobre o patamar de setembro de 2022. Vale destacar, contudo, o crescimento da confiança dos setores de serviços e comércio, que registraram altas de 3,7 pontos e 6,9 pontos na passagem entre maio e junho. Chama atenção, também, o comportamento recente dos níveis de confiança dos consumidores, que registrou em junho crescimento de 4,1 pontos, o maior patamar do indicador desde fevereiro de 2019, quando atingiu 94,5 pontos. Na comparação em médias móveis, esse aumento representou a terceira alta seguida. No relatório da pesquisa, intenção de gastos com bens duráveis aumentou, embora o endividamento ainda seja um dos principais problemas relatados.

## 1 Resultados gerais

Grande parte do crescimento de 1,9% na margem registrado pelo PIB no primeiro trimestre tem como responsável a performance extraordinária do valor adicionado bruto (VAB) do setor agropecuário, que avançou 21,6% na margem e 18,8% na comparação interanual.

Além da contribuição direta para o crescimento do PIB, o resultado do setor agropecuário gerou efeitos indiretos em outros segmentos da indústria e de serviços. Pela ótica da despesa, provocou impactos positivos no resultado das exportações, do consumo das famílias e, particularmente, no componente da variação de estoques. Este último, por sinal, exerceu forte contribuição positiva para o resultado da demanda total, indicando um ritmo de crescimento subjacente mais modesto que o sugerido pelo resultado do PIB no primeiro trimestre. Calculamos que, na comparação com ajuste sazonal, a demanda interna registrou recuo de 0,6% no período. Esse resultado é especialmente devido à formação bruta de capital fixo, cujo desempenho nos primeiros três meses do ano representou evidência da manutenção de algumas fragilidades e restrições que seguem dificultando um crescimento mais forte e sustentável.

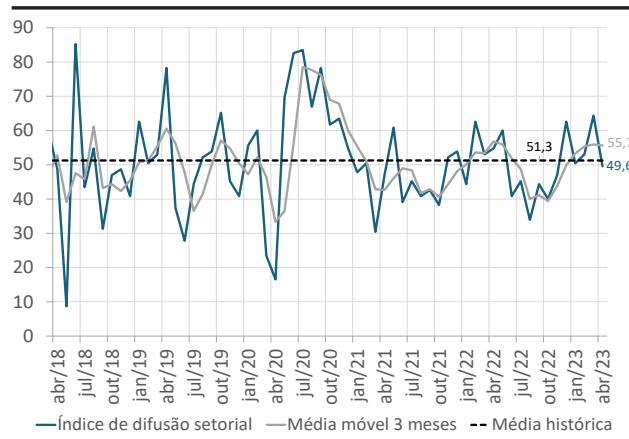
O resultado do PIB no primeiro trimestre refletiu um comportamento heterogêneo entre os indicadores de atividades setoriais com periodicidade mensal. Com base nos dados da PIM-PF, a indústria segue enfrentando o cenário mais adverso, tendo acumulado uma queda de 0,4% nos primeiros cinco meses do ano. Em boa parte desse período, sua produção manteve um ritmo modesto de crescimento, com alguma aceleração em maio, conforme pode ser visto na comparação dessazonalizada em médias móveis. O resultado em maio deixa, um *carry-over* de 0,3% para o segundo trimestre (tabela 1). Já o comércio varejista (conceito ampliado), de acordo com a PMC, registrou um desempenho mais positivo, acumulando, em termos anuais, um crescimento de 3,3% no primeiro quadrimestre de 2023. Sua trajetória em médias móveis, na comparação com ajuste sazonal, registrou a terceira aceleração consecutiva em abril, mesmo com alguma acomodação neste período. Com isso, o *carry-over* para o segundo trimestre ficou em 1,4%. Por fim, segundo a PMS, a receita real de serviços acumulou nos primeiros quatro meses de 2023 um crescimento de 4,8% em relação ao mesmo período do ano passado. Sua trajetória em médias móveis na margem, contudo, foi negativamente influenciada pelo forte crescimento em dezembro de 2022, gerando uma alta base de comparação nos resultados de março e abril. Permanecendo estável nos dois próximos períodos, o setor encerraria o segundo trimestre com queda de 0,5%. A trajetória de aceleração ao longo dos últimos três meses também pode ser verificada no comportamento dos indicadores que buscam sumarizar a atividade econômica brasileira. A diferença ficou por conta do resultado mensal de abril, em que a acomodação ocorrida nos três índices setoriais aparece com mais intensidade no Monitor do PIB, que recuou 1,2% neste período, deixando, ainda assim, um *carry-over* de 1,6% para o segundo trimestre. O IBC-Br, por sua vez, registrou avanço de 0,6% na comparação entre abril e março, na série com ajuste sazonal, com *carry-over* de 1,3%.

Ainda em termos agregados, o desempenho da atividade em abril foi caracterizado por um nível de difusão acima de sua média histórica, situada em 51,3%. Na comparação com março, já excluídos os efeitos sazonais, 49,6% dos segmentos registraram variação positiva, ante 64,3% no período anterior. Com base na análise em médias móveis de três meses, o indicador de difusão atingiu 55,7% em abril, resultado que representou estabilidade, interrompendo uma sequência de crescimento desde novembro do ano passado (gráfico 1).

Em relação aos resultados referentes a maio, com base nas informações disponíveis até o momento, a Dimac/Ipea projeta continuidade na acomodação da atividade econômica ocorrida em abril, com alguma

heterogeneidade entre os setores. A produção industrial que, apesar do abrandamento das restrições de oferta, continua enfrentando um cenário mais adverso no tocante à demanda interna, registrou avanço 0,3% em maio, na série sem efeitos sazonais. O setor de serviços, por sua vez, deve apresentar recuo de 0,3%, embora volte a contar em maio com a contribuição positiva do segmento de serviços prestados às famílias, que deverá crescer 0,7%. Para o setor de comércio, estamos prevendo uma nova redução tanto para as vendas no conceito ampliado quanto no restrito, com baixas de 1,2% e 0,8% na margem, respectivamente. Apesar do efeito positivo do aumento de massa salarial e da descompressão dos índices de preço, a queda de 0,9% estimada para as vendas de automóveis exerceu importante contribuição negativa para o resultado. Nesse contexto, esperamos um resultado negativo também para o Monitor do PIB na comparação desazonalizada em maio, com queda de 0,5% (tabela 2).

GRÁFICO 1  
Atividade econômica: evolução do indicador de difusão setorial<sup>1</sup> (abr./2018-abr./2023)  
(Em %)



Fonte: Ipea; IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.  
Nota: <sup>1</sup> O indicador de difusão setorial mede a porcentagem dos segmentos produtivos que registraram crescimento na comparação com o período anterior, já descontados os efeitos sazonais. Seu cálculo é realizado a partir do desempenho de 113 segmentos, definidos de acordo com as classificações utilizadas nas pesquisas setoriais do IBGE (PIM-PF, PMC e PMS).

TABELA 1  
Indicadores de atividade econômica: evolução recente das taxas de crescimento  
(Em %)

	Contra período anterior dessazonalizado					Contra igual período do ano anterior					Acumulado em 12 meses		
	Trimestre móvel Fev./23	Trimestre móvel Mar./23	Trimestre móvel Abr./23	Trimestre móvel Maio/23	Carry-over (T2/23)	Trimestre móvel Fev./23	Trimestre móvel Mar./23	Trimestre móvel Abr./23	Trimestre móvel Maio/23	Carry-over (T2/23)	Mar./23	Abr./23	Maio/23
IBC-Br	1,2	2,5	3,5	-	1,3	2,4	4,1	4,1	-	3,7	3,4	3,4	-
Monitor do PIB	0,8	2,6	4,4	-	1,6	2,4	4,0	3,8	-	4,1	3,3	3,2	-
PIB mensal Itau	2,2	3,3	-	-	0,0	2,3	3,5	-	-	2,7	2,7	-	-
PIM-PF	0,3	0,0	0,2	0,6	0,3	-0,8	-0,4	-1,4	0,1	0,1	0,0	-0,2	0,0
PMC ampliado <sup>1</sup>	1,9	3,7	4,6	-	1,4	0,0	3,3	4,1	-	4,7	-0,2	0,0	-
PMC restrito	-0,5	2,0	2,2	-	0,6	1,3	2,4	1,6	-	1,3	1,2	0,9	-
PMS	0,6	-0,7	-0,3	-	-0,5	5,4	5,5	4,7	-	2,8	7,3	6,8	-

Fonte: IBGE; FGV; Ipea.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.  
Nota: <sup>1</sup> Indicador do comércio varejista ampliado, incluindo as vendas de veículos, de materiais de construção, e de atacado de alimentos e bebidas.

TABELA 2  
Indicadores de atividade econômica: evolução recente das taxas de crescimento e previsões para maio de 2023  
(Em %)

	Contra período anterior dessazonalizado				Contra igual período do ano anterior			
	Fev./23	Mar./23	Abr./23	Previsão Dimac/Ipea Maio/23 <sup>1</sup>	Fev./23	Mar./23	Abr./23	Previsão Dimac/Ipea Maio/23 <sup>1</sup>
Monitor do PIB	2,6	-0,1	0,6	-0,5	3,1	5,7	3,3	3,9
PIM-PF	-0,2	1,0	-0,6	0,3	-2,4	0,9	-2,7	1,9
PMC ampliado	1,9	3,7	-1,6	-1,2	0,0	8,8	3,1	3,3
PMC restrito	0,0	0,8	0,1	-0,8	1,1	3,3	0,5	-0,5
PMS	0,8	1,4	-1,6	-0,3	4,8	6,5	2,7	3,3

Fonte: IBGE; FGV; Ipea.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.  
Nota: <sup>1</sup> Os valores relativos à PIM-PF referem-se aos resultados já observados para o mês de maio.



## 2 Indústria

Com base nos dados da PIM-PF, a indústria segue enfrentando o cenário mais atribulado, tendo acumulado uma queda de 0,4% nos primeiros cinco meses do ano, na comparação com o mesmo período de 2022. Em boa parte desse período, sua produção manteve um ritmo modesto de crescimento, com alguma aceleração em maio, que registou avanço de 0,6% na comparação dessazonalizada em médias móveis (tabela 3). O avanço de 0,3% em maio, ainda na comparação dessazonalizada, devolveu parte da queda registrada no mês anterior (-0,6%). Já em relação à demanda por bens industriais, tomando por base a variação acumulada entre abril e janeiro deste ano, enquanto a produção interna registra avanço de 0,3%, o consumo aparente cresceu 4,8%. Vale notar, no entanto, que no acumulado em doze meses, os dois indicadores exibem resultado similar, próximo à estabilidade.

Entre os grandes grupos econômicos, o bom desempenho na comparação com ajuste sazonal em maio ocorreu de maneira disseminada. Com exceção da produção de bens de consumo semi e não duráveis, que recuou 1,1%, todos os demais avançaram na margem. Os destaques positivos ficaram por conta dos grupos bens de capital e bens de consumo duráveis, que registraram forte avanço, com altas de 4,2% e 9,8% ante o mês anterior, respectivamente. Apresentando volatilidade elevada nos últimos meses, a análise baseada nas médias móveis trimestrais aponta alguma melhora no cenário para esses dois grupos no mês de maio, cuja dependência de financiamento é mais elevada. No caso da produção de bens duráveis, após recuperação ao longo dos três primeiros meses do ano, e alguma acomodação em abril, o trimestre móvel encerrado em maio voltou a crescer (1,3%). Vale destacar que a produção deste segmento se situa ainda em um patamar 12,7% inferior ao observado no período pré-pandemia, em fevereiro de 2020.

TABELA 3

### Produção industrial (PIM-PF) e grandes grupos econômicos: evolução das taxas de crescimento

(Em %)

	Contra período anterior dessazonalizado				Contra igual período do ano anterior				Acumulado	
	Mar./23	Abr./23	Maio/23	Trim. <sup>1</sup>	Mar./23	Abr./23	Maio/23	Trim. <sup>1</sup>	No ano	Em doze meses
<b>Geral</b>	1,1	-0,6	0,3	0,6	1,0	-2,7	1,9	0,1	-0,4	0,0
<b>Classes</b>										
Indústrias Extrativas	0,2	-0,9	1,2	3,9	3,3	1,7	12,0	5,6	4,7	-0,1
Transformação	1,4	-0,6	-0,1	0,4	0,6	-3,4	0,3	-0,8	-1,2	-0,1
<b>Grupos Econômicos</b>										
Capital	8,9	-11,8	4,2	-0,3	-1,2	-15,4	-11,6	-9,2	-9,6	-5,0
Intermediários	1,1	0,3	0,1	1,4	-1,1	-2,7	3,1	-0,2	-1,0	-0,8
Consumo	-1,3	1,3	-0,8	-0,8	5,8	-0,1	2,2	2,7	2,9	2,7
Duráveis	2,5	-4,5	9,8	1,3	11,2	0,4	11,1	7,8	7,8	6,4
Semi e Não-Duráveis	-0,7	0,9	-1,1	-0,5	4,9	-0,2	0,9	1,8	2,2	2,0
Insumos da Construção Civil	0,5	-0,1	0,2	1,7	-0,8	-5,2	-2,5	-2,8	-3,3	-4,7

Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Nota: <sup>1</sup> Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.

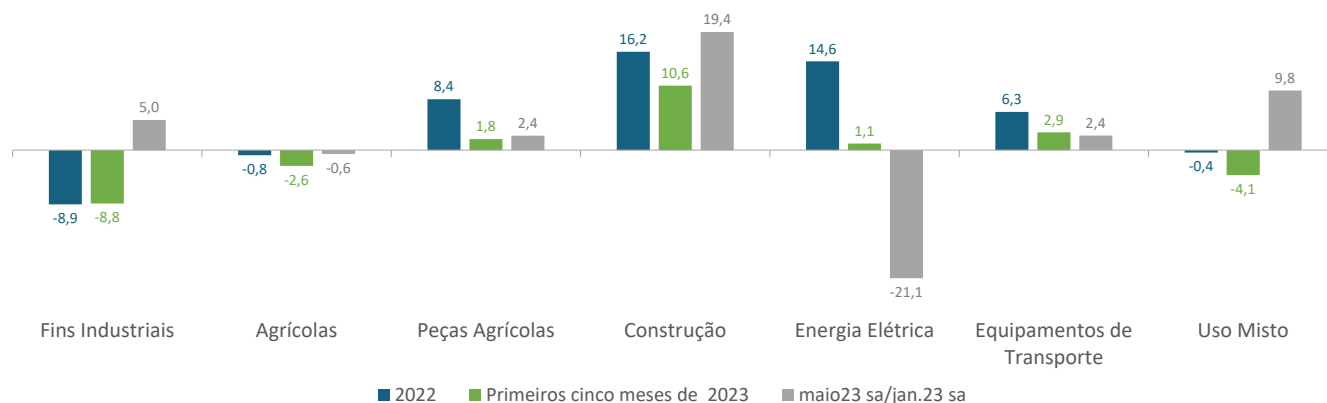
No que diz respeito à produção de bens de capital, assim como tem ocorrido com os bens de consumo duráveis, os últimos três meses apresentaram grande volatilidade na margem, com avanços de 8,9% em março, queda de 11,8% em abril, e nova alta de 4,2% em maio. A melhora em maio também aparece na trajetória em médias móveis trimestrais, ainda que o cenário se revele ainda preocupante. No trimestre móvel encerrado em maio, o recuo de 1,9% representou a décima primeira variação negativa seguida nesta base de comparação. Entretanto, o recuo de 0,3% representou forte desaceleração em relação ao ritmo médio de queda ao longo de 2023

(-3.1%), A demanda interna por bens de capital, medida pelo seu consumo aparente, revela um quadro similar, embora menos negativo. Na variação acumulada no ano com dados até abril, a produção registra queda de 9%, ante retração de 5% da demanda. Com base na classificação da produção de máquinas e equipamentos pelo setor de destino, é possível aprofundar a análise. Na comparação acumulada em doze meses, grande parte do crescimento da demanda por bens de capital em 2022 pode ser explicado pelo desempenho de quatro setores, a saber: i) o agropecuário (peças agrícolas); ii) o de construção civil; iii) o de equipamentos de transporte; e iv) o de uso misto. Em contrapartida, o grande destaque negativo ficou por conta dos investimentos para fins industriais, que acumulou uma retração de 8,9% (gráfico 2). Ao longo dos cinco primeiros meses de 2023, a produção de máquinas e equipamentos para fins industriais registrou alguma melhora. Porém, apesar do crescimento de 5% entre maio e janeiro, na série dessazonalizada, a demanda do setor caiu 8,8% na comparação acumulada no ano. Em compensação, os demais setores têm mostrado resiliência, como é o caso da construção civil.

Outros indicadores antecedentes para a demanda de bens de capital corroboram o quadro ainda restritivo. De acordo com os dados da Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabreve), o licenciamento de máquinas agrícolas registrou uma queda de 7,1% no acumulado do ano até abril. Na comparação dessazonalizada na série em médias móveis trimestrais, todavia, as vendas aceleraram em abril, com alta de 4,1% em relação ao trimestre encerrado em janeiro (gráfico 3). A demanda por caminhões, por sua vez, acumulou queda de 4,2% no acumulado do ano até maio, e registrou recuo 16,9% no trimestre móvel encerrado no mesmo período. Após o forte crescimento verificado em dezembro de 2022, explicado por um efeito de antecipação de vendas em virtude da entrada em vigor de uma nova legislação para o controle de emissões em janeiro (Euro 6), o aumento de preços tem inibido as vendas. O destaque positivo ficou por conta das vendas de ônibus, com forte alta de 61,7% no acumulado do ano até maio. Na trajetória em médias móveis trimestrais, as vendas exibiram alguma acomodação em maio, após forte crescimento nos meses anteriores.

GRÁFICO 2

**Produção industrial, índices especiais: bens de capital por segmento – taxas de crescimento acumuladas**  
(Em %)



Fonte: Ipea; IBGE.

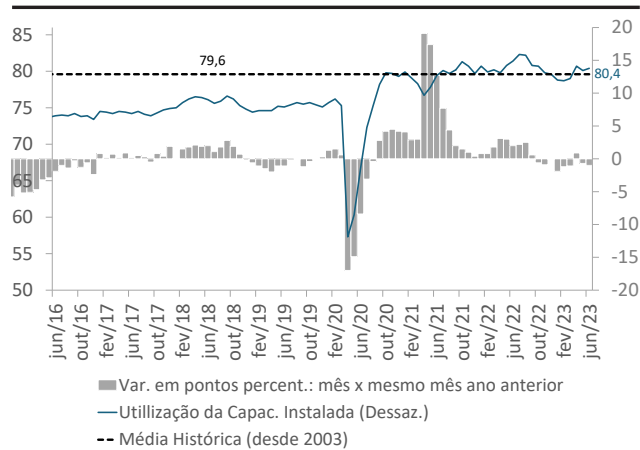
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

De um modo geral, os empresários da indústria de transformação seguem relatando como principal preocupação a perda de fôlego da demanda doméstica. Entre outros fatores que representam restrições para o crescimento do setor, têm sido citadas as dificuldades de acesso ao crédito, o acúmulo de estoques indesejados e a desaceleração na demanda global. Com base nos resultados da pesquisa Sondagem Industrial, da FGV, o nível médio de utilização da capacidade instalada (Nuci) na indústria de transformação registrou trajetória decres-

cente entre agosto de 2022 e fevereiro de 2023, período em que encolheu 3,6 pontos percentuais (p.p.). Após mostrar alguma recuperação em março e abril, com nova acomodação em maio, o Nuci voltou a crescer em junho, atingido o patamar de 80,4%, um pouco acima de sua média histórica (gráfico 4).

Entre as principais consequências do quadro de arrefecimento da demanda interna, a indústria de transformação vem acumulando estoques acima do planejado desde meados do ano passado. Esse fato é corroborado pelas sondagens industriais da FGV e da Confederação Nacional da Indústria (CNI), nas quais os indicadores apontam um crescimento no acúmulo indesejado de estoques desde o final de 2021 (gráfico 5). Considerando apenas 2023, a diferença entre os empresários que declararam estoques excessivos e os que declararam estoques insuficientes aumentou 1,1 ponto entre janeiro e junho de 2023.

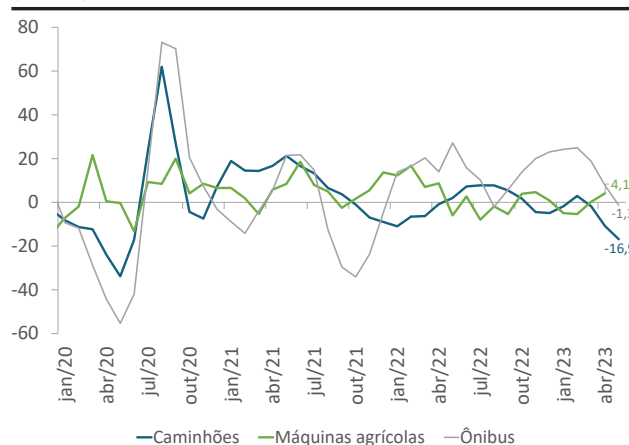
**GRÁFICO 4**  
Nuci: evolução do nível dessazonalizado e taxas de crescimento (jun/2016-jun/2023)  
(Em %)



Fonte: FGV.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

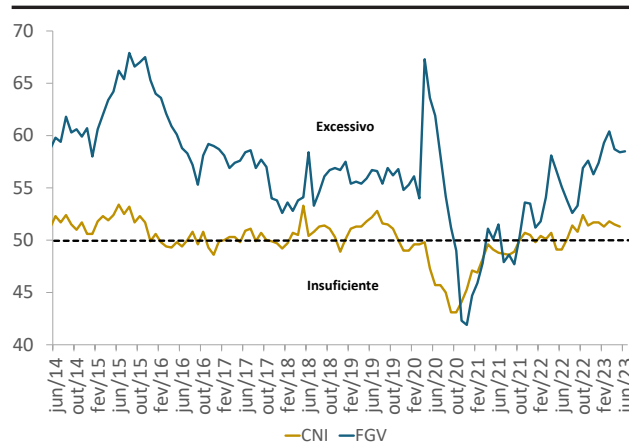
Embora o cenário subjacente à atividade industrial ainda apresente alguns fatores limitantes, os entraves relacionados à escassez e ao encarecimento de insumos perderam força, e o setor tem se beneficiado de uma forte deflação nos preços ao produtor. Tomando por base os preços ao produtor medidos pela FGV, nota-se uma clara descompressão dos índices, em que a maioria dos grupos apresenta deflação na comparação acumulada em doze meses até maio de 2023, particularmente os preços dos bens intermediários. Neste grupo, destacam-se os preços dos suprimentos (-23,5%) – aí incluídos os fertilizantes – e os materiais e componentes para a manufatura (-4,7%).

**GRÁFICO 3**  
Bens de capital: evolução das vendas de máquinas agrícolas, caminhões e ônibus (jan./2020-maio/2023)<sup>1</sup>  
(Em %)



Fonte: Fenabrave e Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea).  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.  
Nota: <sup>1</sup> Séries dessazonalizadas em médias móveis trimestrais.

**GRÁFICO 5**  
Evolução do nível de estoques na indústria de transformação – efetivo versus planejado (junho/2014-junho/2023)



Fonte: FGV; CNI.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

TABELA 4  
Índice de Preços ao Atacado (IPA): taxas de variação acumuladas  
(Em %)

	Variações acumuladas	
	Jun./21-Maio/22	Jun./22-Maio/23
<b>IPA - Todos os itens</b>	<b>10,5</b>	<b>-8,9</b>
<b>Bens finais</b>	<b>17,8</b>	<b>0,4</b>
Bens de consumo duráveis	12,4	4,0
Alimentação	17,7	0,0
Combustíveis	42,4	-24,2
Bens de consumo não duráveis exceto alimentação e combustíveis	10,8	7,3
Bens de investimento	19,0	6,0
<b>Bens intermediários</b>	<b>25,2</b>	<b>-10,4</b>
Materiais e componentes para a manufatura	15,6	-4,7
Embalagens	11,8	5,9
Suprimentos	49,4	-23,5
<b>Matérias-primas brutas</b>	<b>-6,4</b>	<b>-15,4</b>
Mat. Primas brutas agropecuárias	10,8	-15,1
Minerais	-38,8	-16,5

Fonte: FGV.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

TABELA 5  
Indústria, setores produtivos: desempenho recente – variação ante período anterior dessazonalizado  
(Em %)

	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio
<b>Indústria geral</b>	<b>0,0</b>	<b>-0,3</b>	<b>-0,2</b>	<b>1,1</b>	<b>-0,6</b>	<b>0,3</b>
<b>Indústrias extrativas</b>	<b>-1,8</b>	<b>3,7</b>	<b>4,1</b>	<b>0,2</b>	<b>-0,9</b>	<b>1,2</b>
<b>Indústrias de transformação</b>	<b>-0,1</b>	<b>-0,8</b>	<b>-0,4</b>	<b>1,4</b>	<b>-0,6</b>	<b>-0,1</b>
Alimentos	4,5	-2,9	-1,2	-0,3	-3,1	-2,6
Têxtil	2,9	2,5	1,6	0,4	0,6	-0,4
Vestuário	11,8	1,0	-0,3	-4,3	-0,2	0,3
Couro e calçados	5,6	0,3	0,7	2,9	1,3	4,9
Celulose e papel	-0,1	-1,5	-0,1	-0,5	0,1	1,3
Derivados de petróleo e biocomb.	-0,5	-1,4	0,8	2,5	3,3	7,7
Químicos	-0,7	-1,4	-2,2	0,3	0,6	-0,2
Farmacêuticos	17,4	-12,7	-2,1	0,6	-0,4	-9,7
Borracha e plásticos	-0,2	1,4	-0,2	0,4	-0,6	-0,1
Minerais não-metálicos	-4,3	2,6	0,2	1,6	-2,0	2,3
Metalurgia	-6,8	-0,9	1,6	0,7	-0,3	2,1
Metais	6,5	-3,4	-0,9	-1,0	-4,7	6,1
Informática e eletrônicos	2,3	-2,3	1,9	8,7	-9,6	0,9
Máquinas e materiais elétricos	0,8	-4,2	-4,1	1,7	-4,0	0,7
Máquinas e equipamentos	-2,9	0,5	-0,7	6,7	-11,7	12,3
Veículos automotores	-4,1	-5,3	0,2	-0,2	-2,4	7,4
Outros equipamentos de transporte	2,7	2,4	1,0	4,6	-5,8	10,2
Outros produtos	-14,2	10,6	1,9	-1,7	0,6	6,6
Insumos construção civil	-1,6	1,7	0,8	0,5	-0,1	0,2

= -14,2	< -8,9	< -3,7	< 1,6	< 6,9	>= 12,2
---------	--------	--------	-------	-------	---------

Fonte: Ipea; IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Por fim, o crescimento da produção industrial em maio contou com a contribuição positiva das indústrias extrativas, que avançaram 1,2% na margem. Já a indústria de transformação ficou próxima da estabilidade, com



pequeno recuo de 0,1% a mesma comparação. Já entre os setores com peso relevante, os destaques positivos ficaram por conta da produção de derivados de petróleo e biocombustíveis, máquinas e equipamentos, bem como veículos, com crescimentos de 7,4% e 12,3% e 7,4%, respectivamente. Exerceu contribuição negativa a produção de alimentos, que retraiu 2,6% no período (tabela 5).

### 3 Comércio

O comércio de bens, relativamente mais caro que os serviços, enfrenta de forma mais intensa os efeitos do aumento dos juros, com encarecimento do crédito tanto para os empresários varejistas quanto para os consumidores. Nesse contexto, o bom desempenho das vendas ao longo do primeiro trimestre do ano causou alguma surpresa. Embora já fosse esperado um crescimento nos segmentos mais dependentes de renda, particularmente os bens semi e não duráveis, beneficiados pelo retrato do mercado de trabalho, verificou-se um avanço inclusive nos itens mais dependentes de financiamento, como foi o caso do segmento de autoveículos e peças. De acordo com a PMC/IBGE, as vendas no comércio varejista (conceito ampliado) acumularam, em termos anuais, um crescimento de 3,3% no acumulado do primeiro quadrimestre de 2023, acusando alguma acomodação no resultado de abril (tabela 6). A análise em médias móveis trimestrais corrobora o bom desempenho do comércio, com sete variações positivas em sequência. Após alguma perda de fôlego em janeiro, as vendas no conceito ampliado registraram forte aceleração nos três períodos seguintes, encerrando abril com alta de 4,6%. Excluindo as vendas de veículos, materiais de construção e o atacado de alimentos e bebidas, o chamado varejo restrito, por sua vez, registrou desempenho mais modesto nos primeiros quatro meses do ano, acumulando alta de 1,9% ante o mesmo período de 2022. Na comparação em médias móveis, de modo similar ao verificado no conceito amplo, o segmento acelerou nos dois últimos meses, embora tenha acumulado perdas entre dezembro e fevereiro. Entre os onze segmentos que compõem a pesquisa, oito terminaram o primeiro quadrimestre de 2023 com variação positiva. O resultado mensal de abril, no entanto, mostrou baixa difusão na margem. Apenas três segmentos avançaram na comparação com março, com destaque para hipermercados, supermercados, alimentos, bebidas e fumo, que tiveram alta de 3,2%. Um dos destaques negativos ficou por conta das vendas de veículos, motos e peças que, após registrarem crescimento na margem por cinco meses consecutivos, recuaram 5,9% em abril. De acordo com a Anfavea, o licenciamento voltou a retrair em maio, sendo explicado em parte pela expectativa dos consumidores em relação ao início das medidas de estímulo à compra de automóveis.

A piora observada na situação financeira das famílias ao longo dos últimos anos tem sido uma das principais restrições para um crescimento mais robusto das vendas no comércio varejista. Neste período, caracterizado por um processo de elevação das taxas de inflação, os efeitos da política monetária contracionista em vigor seguem pressionando o orçamento familiar. Como reflexo, os indicadores de inadimplência seguem aumentando, ao passo que o comprometimento da renda das famílias com o serviço de dívidas passadas se mantém em níveis historicamente elevados. Nesse contexto, os segmentos em que a aquisição de bens é mais dependente de financiamento tendem a ser mais fortemente impactados. Tendo por base a comparação entre os níveis observados na série dessazonalizada em abril de 2023 e setembro de 2021, período em que teve início o ciclo atual de aumento das taxas de juros, o volume de vendas no varejo ampliado acumulou uma alta de 5,6%. Entre os segmentos, aqueles mais sensíveis ao crédito registraram perdas neste período. Enquanto as vendas de materiais de construção acumularam queda de 8,5%, os segmentos de móveis e eletrodomésticos e de automóveis, motos e peças encolheram 3,3% e 0,8%, respectivamente (gráfico 6A). Em contrapartida, os segmentos mais dependentes de renda, particularmente os bens semi e não duráveis, apresentaram uma trajetória mais benigna. Entre os segmentos mais relevantes, as vendas de combustíveis e lubrificantes foram o destaque positivo. Estimuladas por medidas que reduziram os preços no setor, as vendas acumularam alta de 23,8% no período (gráfico 6B). Também registraram desempenho positivo o comércio nos hiper e supermercados (7,3%) e o varejo farmacêutico (8,6%).

TABELA 6  
**Vendas no varejo: evolução das taxas de crescimento**  
 (Em %)

	Mês/mês anterior dessazonalizado				Mês/igual mês do ano anterior				Acumulado	
	Fev./23	Mar./23	Abr./23	Trimestre <sup>1</sup>	Fev./23	Mar./23	Abr./23	Trimestre <sup>1</sup>	No ano	Em doze meses
<b>Comércio varejista ampliado<sup>3</sup></b>	1,9	3,7	-1,6	4,6	0,0	8,8	3,1	4,1	3,3	0,0
<b>Comércio varejista restrito<sup>4</sup></b>	0,0	0,8	0,1	2,2	1,1	3,3	0,5	1,6	1,9	0,9
1. Combustíveis e lubrificantes	-0,4	-0,2	-1,9	-1,0	19,9	14,3	8,7	14,0	17,0	20,8
2. Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	-0,4	0,0	3,2	1,4	0,9	4,5	3,1	2,9	2,7	2,1
2.1 Hipermercados e supermercados	-1,0	1,4	-0,1	1,1	1,7	5,0	3,8	3,5	3,3	2,5
3. Tecidos, vestuário e calçados	-6,2	-4,4	-3,7	3,2	-8,9	-7,3	-11,0	-9,1	-6,5	-7,8
4. Móveis e eletrodomésticos	-1,6	0,6	-0,5	-0,8	-0,7	2,7	-2,4	-0,1	1,1	-4,3
5. Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	1,5	0,9	0,3	1,4	-0,7	7,1	3,0	3,3	0,4	4,0
6. Livros, jornais, revistas e papelaria	5,2	0,9	1,0	3,0	-9,4	-8,0	-5,7	-8,0	-0,3	6,7
7. Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	-9,7	6,3	-7,2	-3,5	-2,6	4,2	-5,8	-1,1	2,5	2,5
8. Outros artigos de uso pessoal e doméstico	-2,3	-2,2	-1,4	-4,4	-12,9	-12,4	-18,0	-14,5	-12,4	-12,2
9. Veículos, motos, partes e peças	0,9	4,4	-5,9	3,0	-1,3	10,8	-1,9	2,9	3,3	-1,4
10. Materiais de construção	-2,2	-0,5	-0,8	-0,5	-5,7	-5,0	-7,6	-6,1	-4,3	-8,3
11. Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo	-	-	-	-	-9,2	5,4	14,5	-	3,1	-

Fonte: PMC/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

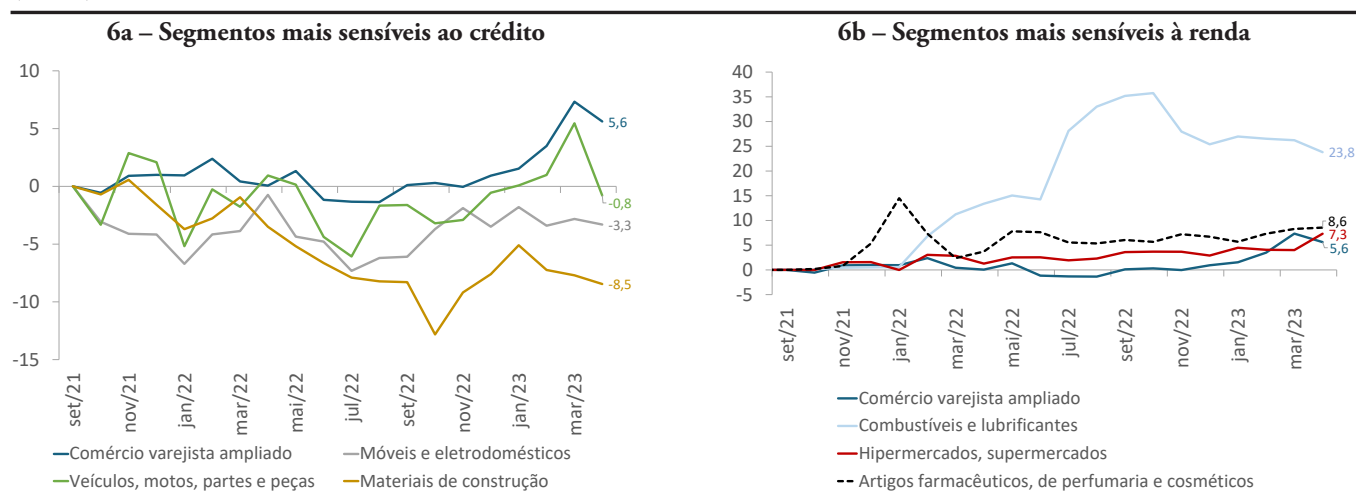
Notas:

<sup>1</sup> Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.

<sup>2</sup> O indicador do comércio varejista ampliado é composto pelos resultados das atividades numeradas de 1 a 10.

<sup>3</sup> O indicador do comércio varejista restrito é composto pelos resultados das atividades numeradas de 1 a 8.

GRÁFICO 6  
**Comércio varejista: segmentos – comparação entre os níveis de abr./2023 e set./2021**  
 (Em %)



Fonte: Ipea; IBGE.

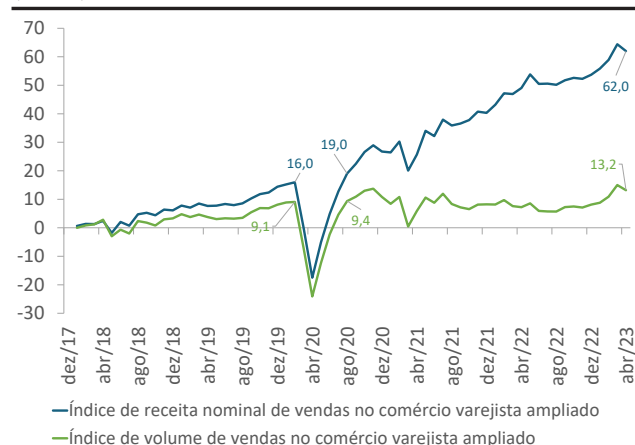
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Ao longo dos primeiros quatro meses de 2023, o bom desempenho das vendas no varejo tem chamado atenção. Se, por um lado, a situação financeira das famílias segue pressionada, por outro, a dinâmica do mercado de trabalho tem contribuído positivamente para uma trajetória crescente dos rendimentos, impulsionada tanto pelos indicadores de população ocupada quanto pelos indicadores de rendimento médio. Juntamente com os efeitos positivos do processo de descompressão das taxas de inflação em curso, a massa salarial real, deflacionada pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), segue registrando expansão em termos reais.

De acordo com os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), a evolução da série em termos mensais<sup>1</sup> registrou crescimento de 9,9% no acumulado do ano até abril.

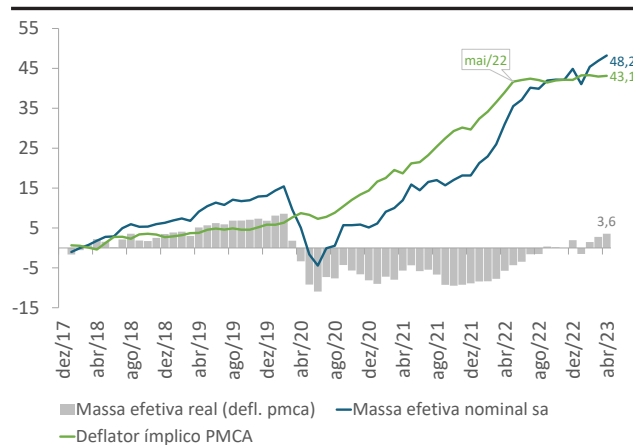
Juntamente com o aumento das taxas de juros, a inflação de bens de consumo tem sido outro fator limitante para o crescimento das vendas. Com base na evolução das séries de receita nominal e real do comércio varejista ampliado, em termos dessazonalizados, fica claro a aceleração ocorrida nos preços medidos pelo deflator da PMC a partir de agosto de 2020, mês em que as vendas voltaram ao mesmo patamar do período anterior ao início da crise sanitária. Desde então, enquanto a receita em valores nominais acumulou forte crescimento, passando de 28,9% para 62%, a receita real (deflacionada pelo IPCA) retraiu apenas 3,8 p.p., passando de 9,1% para 13,2% (gráfico 7). Quando comparamos as trajetórias de crescimento do deflator implícito da PMC e da massa de salários nominal, o cenário dos rendimentos reais destacado anteriormente é menos benigno. Após um período de crescimento ocorrido no período entre novembro de 2018 e fevereiro de 2020, o poder de compra da massa de salários em termos de cesta de bens do PMC vem deteriorando desde então, processo que só foi interrompido em dezembro do ano passado. Isso porque, enquanto os preços medidos pelo deflator da PMC praticamente estacionaram a partir de maio de 2022, a massa de rendimentos nominal continuou a crescer (gráfico 8).

**GRÁFICO 7**  
**PMC: evolução da receita nominal x real (dez./2017-abr./2023)<sup>1</sup>**  
 (Em %)



Fonte: Ipea; IBGE.  
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.  
 Nota: <sup>1</sup> Base de dezembro de 2017 igual a 0%.

**GRÁFICO 8**  
**Massa salarial x deflator da PMCA (dez./2017-abr./2023)<sup>1</sup>**  
 (Em %)



Fonte: Ipea; IBGE.  
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.  
 Nota: <sup>1</sup> Base de dezembro de 2017 igual a 0%.

Em relação a maio, com base nos indicadores coincidentes divulgados até o momento, a Dimac/Ipea espera queda de 1,2% na margem, com alta de 2,9% na comparação interanual para o volume de vendas no varejo ampliado. No conceito de varejo restrito, esperamos também uma acomodação, com recuos de 0,8% sobre março e de 0,5% sobre maio do ano passado. Entre os segmentos com maior peso, os destaques negativos ficam por conta das vendas em hiper e supermercados (-1,7%) e veículos, motos e peças (-0,9%) (tabela 7).

1. Elaboração de Marcos Hercksher, técnico do Ipea.

TABELA 7

**Comércio varejista: desempenho recente e previsão para janeiro de 2023 – variação ante período anterior dessazonalizado**  
(Em %)

	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio
Varejo ampliado	1,0	0,6	1,9	3,7	-1,6	-1,2
Varejo restrito	-2,6	3,8	0,0	0,8	0,1	-0,8
Combustíveis e lubrificantes	-2,0	1,2	-0,4	-0,2	-1,9	0,6
Hiper e supermercados	-0,7	1,5	-0,4	0,0	3,2	-1,7
Tecidos, vestuário e calçados	-5,4	27,3	-6,2	-4,4	-3,7	-4,9
Móveis e eletrodomésticos	-1,6	1,8	-1,6	0,6	-0,5	-3,1
Artigos farmacêuticos e perfumaria	-0,5	-1,0	1,5	0,9	0,3	-0,5
Veículos, motocicletas, partes e peças	2,4	0,6	0,9	4,4	-5,9	-0,9
Material de construção	1,7	2,7	-2,2	-0,5	-0,8	-2,1
	-6,2	-0,6	5,0	10,6	16,1	21,7

Fonte: Ipea; IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

## 4 Serviços

A atividade de serviços, por sua vez, embora em um ritmo mais lento, segue como o principal *driver* para o crescimento do PIB. Menos afetado pelos efeitos da política monetária contracionista, o setor também se beneficia do diferencial de inflação entre os chamados bens *tradables* e os *non tradables*. Apesar disso, o fechamento do hiato aberto pela crise sanitária segue provocando aumento de preços, impactando negativamente a sua capacidade de crescimento. Ainda assim, com base na PMS/IBGE, a receita real de serviços registrou um crescimento de 4,8% nos primeiros quatro meses de 2023 quando comparada ao mesmo período do ano passado (tabela 8). Todavia, a comparação em médias móveis de três meses aponta um cenário menos benigno. Na comparação dessazonalizada, o recuo de 0,3% no trimestre móvel encerrado em abril representou o segundo recuo seguido da atividade de serviços, que já havia retraído 0,7% no mês anterior. Vale a ressalva para o fato de que o setor registrou forte oscilação na margem em dezembro (+2,7%) e janeiro (-3,4%), gerando um efeito de base de comparação negativo para os trimestres encerrados em março e abril. Entre os cinco segmentos que compõem a pesquisa, quatro registraram queda na comparação dessazonalizada em abril, com destaque negativo para o segmento com o maior peso, a saber: os serviços de transportes. Impulsionado ao longo do primeiro trimestre pelo ótimo desempenho da produção agrícola, a atividade exibiu acomodação em abril, com queda de 4,4%. Apesar disso, os serviços de transportes acumulam o maior crescimento em relação ao período anterior ao início da pandemia. Nesta base de comparação, o segmento registrou expansão de 20,9%. Em contrapartida, após três meses de queda na margem, os serviços prestados às famílias voltaram a crescer, avançando 1,2%. Na comparação com fevereiro de 2020, a atividade ainda apresenta uma ociosidade de 5,5%.

Contrastando com a trajetória verificada do deflator da PMC, o ritmo de crescimento dos preços dos serviços medidos na PMS registrou um ritmo de crescimento mais modesto ao longo do período que compreende a crise sanitária. Desde junho de 2021, mês em que a atividade retorna aos patamares pré-pandemia, enquanto a receita real acumulou crescimento de 9,3% até abril, a receita nominal cresceu 26,7% na mesma base de comparação (gráfico 10). Esse diferencial de inflação entre os chamados bens *tradables* e os *non tradables* ainda que favoreça o consumo de serviços, juntamente com a evolução dos níveis da massa salarial nominal, estimularam o forte crescimento do setor no período. Diferentemente do que aconteceu com o varejo de bens, o poder de compra das famílias, em termos dos serviços computados na PMS, segue aumentando desde agosto de 2020 (gráfico 11).

TABELA 8  
**Serviços (PMS): evolução das taxas de crescimento**  
 (Em %)

	Mês/mês anterior dessazonalizado				Mês/igual mês do ano anterior				Acumulado	
	Fev./23	Mar./23	Abr./23	Trimestre <sup>1</sup>	Fev./23	Mar./23	Abr./23	Trimestre <sup>1</sup>	No ano	Em doze meses
<b>Total</b>	0,8	1,4	-1,6	-0,3	4,8	6,5	2,7	4,7	4,8	6,8
<b>1. Serviços prestados às famílias</b>	-0,9	-1,1	1,2	-0,6	10,4	3,3	21,8	5,3	6,8	14,5
1.1 Serviços de alojamento e alimentação	-0,7	-2,9	3,7	0,0	11,8	3,4	22,7	5,3	6,7	14,4
1.2 Outros serviços prestados às famílias	-5,1	5,6	3,5	-0,6	2,7	2,9	16,9	5,2	7,4	15,0
<b>2. Serviços de informação e comunicação</b>	1,4	1,4	-1,0	1,3	6,9	6,6	3,1	5,8	5,4	4,0
2.1 Serviços de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)	0,5	1,5	-1,2	0,8	7,5	6,5	3,7	6,1	5,7	4,4
2.1.1 Telecomunicações	0,3	0,8	0,3	3,0	1,9	3,0	3,4	2,8	1,8	-3,8
2.1.2 Serviços de Tecnologia da Informação	3,0	-0,3	-1,2	2,3	14,2	10,4	5,3	9,8	10,2	14,3
2.2 Serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias	1,9	4,1	-4,2	0,6	2,8	7,5	-2,3	4,1	2,9	0,9
<b>3. Serviços profissionais, administrativos e complementares</b>	-1,1	3,5	-0,6	0,4	2,0	6,0	4,0	4,1	4,8	6,6
3.1 Serviços técnico-profissionais	-0,6	1,4	3,6	2,4	6,1	4,6	11,0	7,2	7,4	7,2
3.2 Serviços administrativos e complementares	-0,3	2,2	-2,5	0,1	1,3	6,8	0,9	3,0	4,1	6,5
<b>4. Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio</b>	3,2	4,1	-4,4	2,1	5,3	8,6	2,0	5,4	5,4	10,0
4.1 Transporte terrestre	1,7	4,1	-3,5	2,9	10,7	13,8	6,8	10,5	11,3	16,6
4.2 Transporte aquaviário	-0,7	1,1	-2,0	0,1	9,6	17,1	8,5	11,8	11,7	12,2
4.3 Transporte aéreo	4,7	2,7	-2,5	3,9	4,2	-7,5	-16,7	-7,4	-7,8	3,8
4.4 Armazenagem, serviços auxiliares aos transportes e correio	5,4	6,7	-6,7	0,7	-3,8	2,0	-2,2	-1,2	-2,1	0,6
<b>5. Outros serviços</b>	0,7	-0,7	-1,1	-3,3	4,2	0,5	-0,9	0,1	0,2	-0,7
<b>Atividades Turísticas<sup>2</sup></b>	-1,4	-0,1	-0,1	0,1	4,3	6,3	1,4	6,9	8,4	17,0

Fonte: PMS/IBGE.

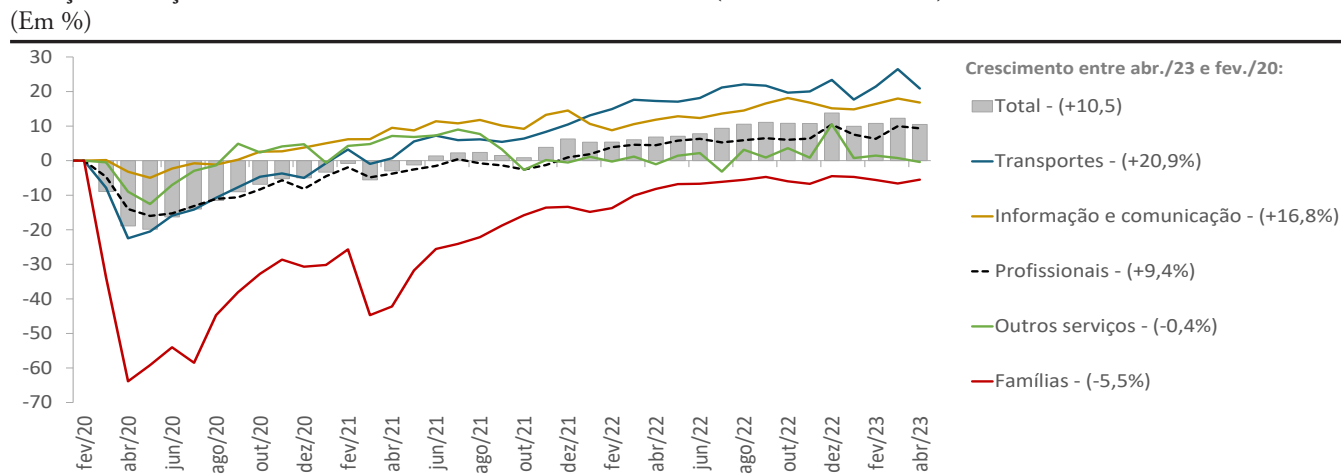
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Notas:

<sup>1</sup> Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.

<sup>2</sup> Índice especial construído a partir de agrupamentos de segmentos associados à atividade de turismo.

GRÁFICO 9  
**Serviços: evolução do total e subsetores – séries dessazonalizadas (fev./2020-abr./2023)<sup>1</sup>**  
 (Em %)



Fonte: Ipea; IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

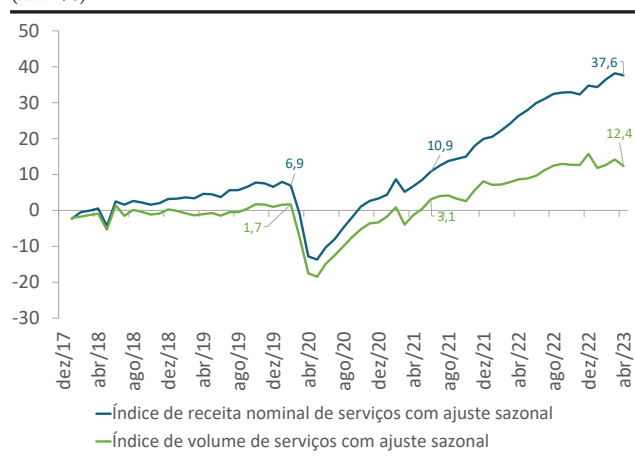
Nota: <sup>1</sup> Base de fevereiro de 2020 igual a 0%.

Para maio, a Dimac/Ipea estima que o volume de serviços medido pela PMS apresente novo recuo, com queda de 0,3% na série sem efeitos sazonais, atingindo patamar 3,2% acima em relação ao mesmo período do ano passado. Entre os cinco segmentos, os destaques ficam por conta das atividades de serviços prestados às famílias



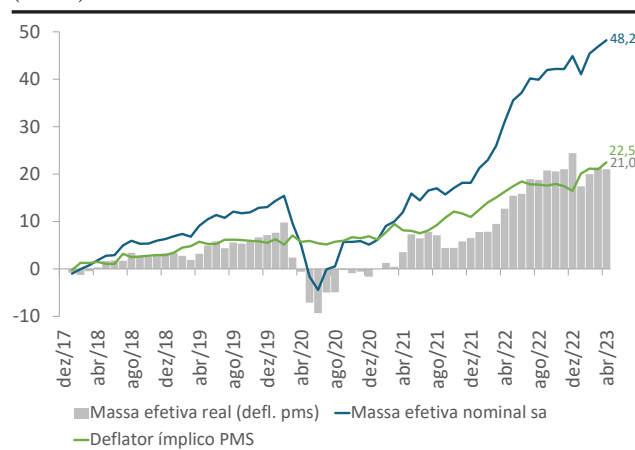
(0,7%), e de serviços de informação e comunicação (0,8%). Com o maior peso entre os segmentos, a maior contribuição negativa viria dos serviços de transportes e correio, com recuo de 1,8% na margem (tabela 9).

**GRÁFICO 10**  
**PMS: evolução da receita nominal x real (dez./2017-abr./2023)<sup>1</sup>**  
 (Em %)



Fonte: Ipea; IBGE.  
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.  
 Nota: <sup>1</sup> Base de dezembro de 2017 igual a 0%.

**GRÁFICO 11**  
**Massa salarial x deflator da PMS (dez./2017-abr./2023)<sup>1</sup>**  
 (Em %)



Fonte: Ipea; IBGE.  
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.  
 Nota: <sup>1</sup> Base de dezembro de 2017 igual a 0%.

**TABELA 9**  
**Serviços: desempenho recente e previsão para janeiro de 2023 – variação ante período anterior dessazonalizado**  
 (Em %)

	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maió
<b>Serviços</b>	<b>2,7</b>	<b>-3,4</b>	<b>0,8</b>	<b>1,4</b>	<b>-1,6</b>	<b>-0,3</b>
Serviços prestados às famílias	2,4	-0,2	-0,9	-1,1	1,2	0,7
Serviços de informação e comunicação	-1,4	-0,3	1,4	1,4	-1,0	0,8
Serviços profissionais, administrativos e complementares	3,8	-2,6	-1,1	3,5	-0,6	-1,3
Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	2,8	-4,6	3,2	4,1	-4,4	-1,8
Outros serviços	9,6	-8,8	0,7	-0,7	-1,1	0,8

< -8,8	< -5,8	< -2,7	< 0,4	< 3,4	>= 6,5
--------	--------	--------	-------	-------	--------

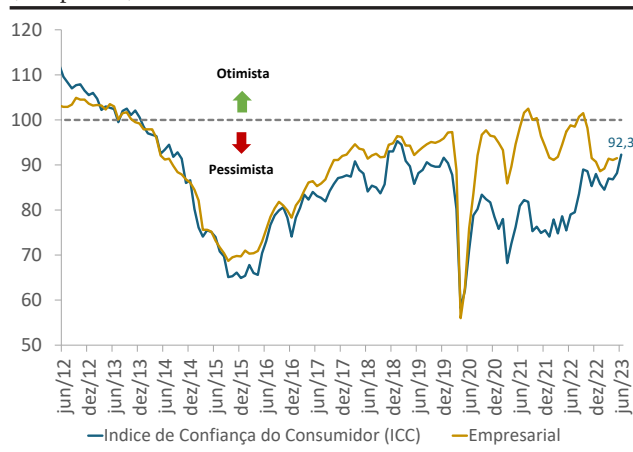
Fonte: Ipea; IBGE.  
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

## 5 Confiança

O quadro atual da atividade econômica tem se refletido no resultado das pesquisas de sentimento que, após a queda generalizada ao longo do último trimestre do ano passado, tem registrado alguma recuperação nos meses recentes. De acordo com as pesquisas Sondagens Setoriais, da FGV, o ICE atingiu o patamar de 92,3 pontos em junho. Embora o resultado tenha representado o quarto aumento seguido, o índice ainda acumula uma queda de 9 pontos em relação ao patamar de setembro de 2022. Vale destacar, contudo, o crescimento da confiança empresários dos setores de serviços e comércio, que registraram altas de 3,7 pontos e 6,9 pontos na passagem entre maio e junho. Chama atenção, também, o comportamento recente dos níveis de confiança dos

consumidores, que registraram em junho crescimento de 4,1 pontos, o maior patamar do indicador desde fevereiro de 2019, quando atingiu 94,5 pontos. Na comparação em médias móveis, esse aumento representou a terceira alta seguida. No relatório da pesquisa, intenção de gastos com bens duráveis aumentou, embora o endividamento ainda seja um dos principais problemas relatados. Por fim, segundo o Índice dos Gerentes de Compras (Purchasing Managers' Index – PMI), calculado pela IHS Markit, o ritmo da atividade econômica em maio permaneceu na zona que indica expansão, com destaque para a confiança do setor de serviços, em que as respostas indicaram expectativas positivas em relação à produção, aos novos pedidos e ao emprego.

GRÁFICO 12  
**Indicadores de confiança: empresários versus consumidores**  
 – séries dessazonalizadas (jun./2012-jun./2023)  
 (Em pontos)



Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

**Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac):**

Claudio Roberto Amitrano (Diretor)

Mônica Mora y Araujo (Coordenadora-Geral de Estudos e Políticas Macroeconômicas)

**Corpo Editorial da Carta de Conjuntura:**

Julia de Medeiros Braga (Editora)

Estêvão Kopschitz Xavier Bastos

Francisco Eduardo de Luna e Almeida Santos

José Ronaldo de Castro Souza Júnior

Leonardo Mello de Carvalho

Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti

Maria Andréia Parente Lameiras

Mônica Mora y Araujo

Sandro Sacchet de Carvalho

Sergio Fonseca Ferreira

**Pesquisadores Visitantes:**

Ana Cecília Kreter

Andreza Aparecida Palma

Antônio Carlos Simões Florido

Cristiano da Costa Silva

Sidney Martins Caetano

**Equipe de Assistentes:**

Alexandre Magno de Almeida Leão

Antonio Henrique Carlota de Carvalho

Caio Rodrigues Gomes Leite

Camilla Santos de Oliveira

Diego Ferreira

Izabel Nolau de Souza

Marcelo Lima de Moraes

Tarsylla da Silva de Godoy Oliveira

**Design/Diagramação:**

Augusto Lopes dos Santos Borges

Leonardo Simão Lago Alvite

---

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério do Planejamento.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

---